



## **Monte Muiane : uma longa guerra das pedras**

**Por Célia Siteo\***

---

No Monte Muiane, distrito do Gilé, na Província da Zambézia, existe uma mina de tantalite amaldiçoada pelos espíritos. Ela já abriu e fechou por três vezes, em consequência de actos de violência. A mina encerrou pela primeira vez durante o conflito armado e duas vezes nos últimos sete anos. No mais recente episódio violento, em Novembro de 2015, populares vandalizaram as instalações e danificaram equipamento diverso da Tantalum Mineração, uma empresa de capitais canadianos que explorava tantalites e turmalinas, causando o encerramento do empreendimento. Em confrontos com a Polícia, morreram quatro pessoas.

Uma equipa de pesquisa do SEKELEKANI deslocou-se ao local, para investigar as razões de tantos distúrbios violentos e ouviu histórias de frustrações acumuladas da comunidade local, que não vê quaisquer benefícios da exploração dos seus recursos, anos a fio. Além de acusarem as empresas de nada fazerem em seu benefício, os residentes locais declaram "guerra" aos garimpeiros provenientes de diferentes regiões do país, afirmando: "este monte é nosso, os *vientes* devem regressar às suas terras!".

### **Guerra das pedras...**

A localidade de Muiane fica no Distrito do Gilé, cerca de 500 km a Norte de Quelimane, Província da Zambézia. O nome deriva de um monte local, rico em pedras preciosas e semi-preciosas, incluindo ouro, tantalite, turmalina, quartzo e outros. Mas a exploração destes minérios jamais foi pacífica, sendo alvo de sucessivos actos de violência, resultando, amiúde, na destruição de máquinas e de infraestruturas, causando o encerramento das empresas.

Aquando dos violentos incidentes de Novembro passado, os revoltosos alegaram protestar contra a morte de um garimpeiro, que teria sido assassinado na mina, versão desmentida pelos gestores do empreendimento. Segundo estes, o homem teria sido morto por um agente da Policia, quando tentava furtar pedras preciosas da empresa. Com o equipamento danificado, a empresa encerrou as suas actividades, queixando-se de prejuízos na ordem dos 10 milhões de dólares, além de 70 pessoas que ficaram sem emprego. Na semana seguinte, três pessoas morreram soterradas no Monte Muiane, quando procuravam extrair tantalite e turmalinas, na área concessionada à Tantalum Mineração.



**Destroços de equipamento vandalizado por populares revoltados**

### **O nome do Gilé**

Pode ser que valha a pena contar um pouco da história do distrito, e, nomeadamente, da história do seu nome, Gilé. O nome provém da montanha que se ergue, mesmo na Vila Sede do Distrito. Segundo se conta localmente, há mais de um século atrás, houve uma crise de epilepsia entre os habitantes da zona, de causas desconhecidas. Como as manifestações da doença aterrorizassem as pessoas, foi então tomada uma decisão: largar os doentes graves ou seus cadáveres numa caverna situada no sopé do Monte. Na língua local, epilepsia é "edjeledjele". Ora, os portugueses, ao depararem-se, nas suas incursões pelo território, com corpos humanos ali abandonados, quiseram saber o que se estaria a passar. Os locais responderem : "edjeledjele". Daí os ocupantes estrangeiros decidiram extrair dessa palavra o nome da região, reduzindo "edjeledjele" para Gilé.

Gilé é, pois, um nome que lembra sofrimento e morte, com pessoas atiradas para dentro de cavernas!

Com os distúrbios de 2015, a mina de Muiane fechou as portas pela terceira vez, em consequência de actos violentos. Da primeira vez, durante a guerra dos 16 anos, a empresa Minas Gerais de Moçambique (Magma) lançou ao desemprego mais de 800 trabalhadores.

Se, na crise do ano passado, a empresa e as autoridades falam da morte de um homem vítima da sua própria conduta (ladrão), já entre os populares a versão é bem diferente: entre estes, o malgrado foi morto por um empresário estrangeiro (aleadamente de nacionalidade sul-africana) ligado à empresa. Segundo a versão popular, o suspeito "estrangeiro" andaria no negócio de extracção de órgãos humanos, para o que matava trabalhadores, de quem extraia certas partes, para os vender para o estrangeiro.

De forma tímida, o fiscal da mineração de Muiane, Calisto Baptista, diz, a respeito, o seguinte: "dizem que morreu uma pessoa lá em cima do monte. Entretanto, quando lá chegaram não reconheceram imediatamente o corpo, mas já no hospital notaram tratar-se de um familiar seu. Aí todos correram para a mina, dizendo que o empresário anda a matar pessoas...Mas eu não sei dizer se isso corresponde à verdade ou não....Como eles andam sempre revoltados...."

Armados de picaretas, catanas e pás, os populares invadiram o Posto Policial local e saquearam armas e outros bens de defesa que a polícia usava, acusando esta de conivência com os supostos assassinos. A casa do chefe da localidade foi incendiada por se desconfiar que ele tinha conhecimento das mortes que alegadamente aconteciam na montanha e nada fazia para as impedir. Acto contínuo, a fúria da população alastrou-se para muitos trabalhadores da mina e garimpeiros provenientes de diferentes regiões da província e do país, cujas cabanas foram destruídas!



#### Aspecto do Monte Muiane, no Distrito de Gilé

"Agora eles dizem que não querem nenhum *viente* a trabalhar na mina ou a fazer garimpo", diz Manuel Monteiro, um jovem proveniente de Milange que trabalhava na mina ora encerrada. "Nós que somos *vientes* passamos sempre mal; nós viemos de nossas casas para procurar formas de sobreviver, mas como os locais revoltaram-se contra os (empresários) estrangeiros...nós ficamos sem o que fazer...Muitos outros trabalhadores regressaram para as suas terras às corridas, porque eram agredidos pelos locais...A vida aqui está muito difícil", suspira Monteiro.

Na companhia de outros três colegas de infortúnio, Manuel Monteiro dorme num abrigo precário, cabanas de garimpeiros a que denominam por "colómbias". Sem trabalho nem "autorização" para a prática do garimpo, Manuel Monteiro e seus colegas sobrevivem à base de "biscates", lavrando em machambas de camponeses locais, a troco de alguma ajuda. Por vezes são contratados para cortar e transportar bambu em lojas de cidadãos bengalis.

Como muitos, Manuel sonha comprar um carro e leva-lo para Milange. "Quero comprar um Toyota Corolla Runx", diz ele, zombando dos locais, que, segundo ele, contentam-se com motorizadas. "Aqui é possível você ter muito dinheiro e o outro não ter nada; ter dinheiro hoje e amanhã...nada! Quando apanhamos dinheiro até pagamos cerveja a pessoas que não conhecemos".

## A raiz do problema

A população naquela zona não tem acesso a quaisquer serviços sociais básicos, como água potável e serviços de saúde. Ela vive, na sua maioria, na mais abjecta pobreza, abrigando-se em cubatas feitas de paus e palha. Mas, característica típica de pequenas vilas providas de recursos naturais, podem-se ver casas luxuosas e viaturas de grande cilindrada, no meio de uma "selva" de velhas cabanas. Alguns cidadãos estrangeiros exercem alguma actividade comercial.



**Fenómeno típico de vilas com recursos minerais, em Muiane existem casas vistosas ao de cabanas de palha.**

O régulo fala das empresas de mineração com revolta: "nós os recebemos de mãos abertas; realizamos cerimónias tradicionais para eles serem bem recebidos pelos espíritos dos nossos antepassados e para terem sucesso no negócio...Depois eles ficam aqui a escavar ao longo de tempo sem fim, mas nada nos dão em troca: nem trabalho para os nossos filhos, nem mesmo uma fontenária de água".

Os depoimentos dos líderes locais, descrevendo o nível de "prontidão" da população local para a violência, deixam a entender frustrações acumuladas e problemas antigos, entretanto não totalmente resolvidos.

Quando a mina reabriu em 2008, os mais de 800 trabalhadores da antiga mina (encerrada durante o conflito armado) iniciaram reivindicações sobre seus direitos laborais, também parcialmente na expectativa de serem contratados pela nova empresa.

Em 2014, descontentes com o curso dos entendimentos com o governo, os ex-trabalhadores da Magma, com o apoio da população local, tomaram de assalto as instalações da empresa Tantalum Mineração. Já em 2012, num acto de força, os revoltosos haviam incendiado uma viatura do Ministério dos Recursos Minerais. Eles alegavam terem recebido garantias de indemnizações do governo, com valores variando de 17.500 a 30.000 meticais, de acordo com as funções que cada um desempenhava durante o período de produção.

Para além de tomar de assalto as instalações da empresa de capitais canadianos, o grupo escorraçou todos os trabalhadores e gestores da Tantalum Mineração, que foram obrigados a refugiar-se na vizinha província de Nampula, temendo a fúria dos revoltosos, munidos de armas artesanais como azagaias e catanas.

Os revoltosos justificaram esta acção extrema por discordarem dos valores recebidos, cujo critério de cálculo afirmavam desconhecer. A crise teria, aparentemente, terminado quando a Ministra dos Recursos Minerais, Esperança Bias, deslocou-se ao local, aonde conversou com os revoltosos. "Aparentemente" porque no discurso dos locais, percebe-se que por debaixo das cinzas, há ainda fogo latente, tendo sido o mesmo fogo que irrompeu em Novembro passado, danificando as instalações da empresa e destruindo a sua maquinaria, e causando o seu segundo encerramento.

Elias Pequenino, ex-trabalhador da Magma, conta que a mina de Muiane era, antes da independência, uma empresa privada. Aparentemente devido ao seu abandono pelo proprietário, ela foi intervencionada pelo Estado. E há indemnizações devidas aos trabalhadores desde essa época. Elias Pequenino acentua: "essa é a principal causa dos conflitos em torno da mina do Monte Muiane. A revolta passou para a geração actual, porque esta geração actual, que vandalizou a fábrica em Novembro, é de filhos daqueles que não foram indemnizados, da outra geração". E ele acrescenta: "O governo já conhece estes homens; a própria Policia recua perante eles; quando aparecem, trazem catanas, picaretas e pedras".





**Elias Pequeno: nenhuma empresa vai ter sucesso enquanto ex-trabalhadores não são indenizados**

Elias Pequeno é Presidente da associação de Agro Mineiros da Zambézia, trabalhando na área da mineração há mais de 15 anos. Conhecedor da saga do Monte Muiane, o nosso interlocutor diz, peremptório: "nenhuma empresa vai operar com sucesso no Monte Muiane, enquanto o governo não aceitar indenizar os ex-mineiros".

Num vídeo retratando os actos de destruição das instalações da mina, ouvem-se gritos de homens dizendo: "este monte é nosso!"

**Crianças na mineração artesanal**

Na exploração dos recursos naturais locais, concorrem também legiões de garimpeiros provenientes das mais diversas regiões do país, não importando o sexo e a idade. Rapazes e meninas de menos de 15 anos de idade arrastam-se no meio de pedras e pó, escavando a montanha à procura de ouro.

Crianças e mulheres ficam longas horas debaixo do Sol ou chapinhando nas águas rio Vaniro sem qualquer protecção, correndo o risco de serem atacadas por crocodilos.



O trabalho de algumas crianças consiste em procurar minérios incrustados em pedra dura, retirada da montanha, esmagando-a em pilão, até ficar em pó. Esta actividade é executada em recipientes de alumínio, produzindo muita poeira que as crianças inalam em grandes quantidades. "As crianças aqui só estão preocupadas em procurar ouro; não vão à escola", diz Elias Pequenino.

Jordão, de 12 anos de idade, diz frequentar a quarta classe de manhã, e à tarde dedica-se ao garimpo, e explica o que faz: "Eu pilo estas pedras e depois entrego o pó aos donos para lavarem e me darem algum dinheiro."

Carlota António, aparentando mais de trinta anos de idade, conta que procura ouro no rio desde 1991. Ela diz que, com um balde, retira areia da água, e após agita-la, deita-a sobre um pano, procurando brilho de ouro. Diz que vende o miligrama a 120 ou 150 meticais

O ouro é vendido e comprado ali mesmo, e, segundo relatos locais, entre os clientes mais assíduos, contam-se libaneses, guineenses, tanzanianos e malianos. É o mundo globalizado. O ouro é vendido às gramas, a compradores que circulam com "muitos milhões", dizem os populares.

Enquanto isso, o principal projecto económico da região, com potencial para contribuir para alguma melhoria na qualidade de vida da população local, a empresa Tantalum Mineração,



continua encerrada, agora pela terceira vez, porque a comunidade local sente que dele não recebe qualquer benefício.

-----

**Pesquisadora do Centro de Estudos de Comunicação SEKELEKANI**